



EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DE PANDEMIA

Valdelice da Silva Andrade¹
Luana Freire dos Santos²
Soraya Maria Barros de Almeida Brandão³

RESUMO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é caracterizada pela especificidade das crianças e das práticas pedagógicas a elas destinadas. Logo, o objetivo deste trabalho é discutir a particularidade desse nível de educação norteada pela interação e brincadeiras como preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a BNCC. No intuito de analisar os limites, possibilidades e consequências da Educação Infantil, no ensino remoto, realizamos um roteiro de entrevista estruturada, com questões que versam sobre a temática. Foi sujeito da nossa pesquisa, uma bolsista graduanda de Pedagogia pela UEPB que trabalha como auxiliar em uma creche, localizada na Paraíba. A bolsista auxilia as professoras na elaboração das atividades para uma turma do Maternal II constituída de 25 crianças entre 3 e 4 anos de idade. Através da entrevista, buscamos compreender a realidade do trabalho docente, a garantia dos direitos de aprendizagem das crianças, bem como uma educação de qualidade e inclusiva no período de pandemia. Destarte, para dialogar sobre a temática nos baseamos nas DCNEI (2010), na BNCC (2018), como também nos aportes teóricos dos estudos de Brandão (2007). Esse estudo elucidou que o ensino remoto pouco contribuiu para uma educação de qualidade e inclusiva. Ou seja, os direitos de aprendizagem das crianças, nesse período, estão sendo minimizados, pois, os entraves para acompanhar o desenvolvimento das crianças, a execução de atividades simples no círculo familiar e a limitação de acesso a recursos tecnológicos e habilidade para utilizá-lo como instrumento pedagógico provoca abismos entre família e escola.

Palavras-chave: Educação Infantil, Especificidade, Ensino Remoto, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir os limites, possibilidades e consequências da Educação Infantil no contexto de pandemia devido o distanciamento social gerado pelo novo Coronavírus (Covid-19), no início do ano de 2020, no Brasil. Discutir tal temática provoca uma reflexão no que diz respeito a garantia, acesso e permanência das crianças na creche tendo como princípio uma educação de qualidade e inclusiva. Logo, o objetivo deste trabalho é discutir a particularidade desse nível de educação norteada pela interação e brincadeiras como preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a BNCC. O intuito foi

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, valdeliceandrade39@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - PB, freireluana7@gmail.com;

³ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – PB, soraya.brandao@servidor.uepb.edu.br.



analisar os limites, possibilidades e consequências das atividades realizadas na Educação Infantil, neste período de pandemia e ensino remoto.

Assim sendo, analisar o trabalho docente nesse contexto atípico para escola, famílias e crianças, observando os efeitos (positivos e negativos) dessa vivência remota é de extrema importância. A Educação Infantil sendo norteada pela interação e brincadeiras, com o ensino remoto tais eixos norteadores ficaram restritos, no sentido de as crianças vivenciarem tais práticas apenas no círculo familiar, sem um acompanhamento pedagógico presencial. É sabido que a criança tem um grande repertório de conhecimentos que são construídos a partir das relações que estabelece com os adultos e com os seus pares. Nesse sentido, é importante refletirmos sobre os pacotinhos prontos que muitas vezes não atendem suas necessidades, ou seja, metodologias que não se apoiam nas experiências das crianças e forma particular delas dizerem o mundo. Além disso, observamos práticas pedagógicas padronizadas como se as turmas fossem homogêneas, fato esse que nos leva a pensar em práticas excludentes. Ainda em relação a isso, nos preocupa o fato de termos crianças com deficiências em turmas regulares que não conseguem atender as demandas do ensino remoto. O fato de se pensar nessa questão, nos traz uma grande preocupação. Isso posto, entendemos a relevância de compreendermos, a partir de uma aproximação maior com a realidade, quais os limites e as possibilidades para uma educação inclusiva no contexto de pandemia. Mesmo não sendo o nosso propósito discutirmos, diretamente, as práticas cotidianas na Educação Infantil, achamos importante ressaltar que o caminho traçado em várias práticas destinadas às crianças pequenas ainda carrega uma carga de conteúdos, cujas atividades estão voltadas mais para o ensino de letras e números.

Destarte, para termos uma aproximação da realidade, nossa pesquisa é qualitativa sendo realizada com uma bolsista, estudante de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba que trabalha como auxiliar numa creche, localizada na Paraíba. A bolsista acompanha uma turma do Maternal II, constituída de 25 crianças de 3 e 4 anos de idade, em uma creche.

Para melhor discutirmos a temática observamos a BNCC (2018), a DCNEI (2010) e como referencial teórico temos Brandão (2007).

METODOLOGIA

No intuito de ponderar os desafios, limites e possibilidades no atendimento às crianças da creche, no contexto de pandemia devido ao Coronavírus (Covid-19), uma doença que



provocou mudanças a nível mundial modificando o contexto político, econômico e as relações sociais. Diante disso, realizamos o presente estudo, cujo objetivo constitui-se em discutir a particularidade desse nível de educação norteadas pela interação e brincadeiras como preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a BNCC. O intuito foi analisar os limites, possibilidades e consequências das atividades realizadas na Educação Infantil, neste período de pandemia e ensino remoto.

A pesquisa molda-se como um estudo de caso, com abordagem qualitativa. Foi sujeito do presente estudo uma graduanda de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, que acompanha uma turma do Maternal II, constituída de 25 crianças de 3 e 4 anos de idade, em uma creche, auxiliando as professoras na elaboração de atividades.

A abordagem qualitativa configurada em um estudo de caso, permitirá, segundo Laville; Dione (1999, p.155, 156):

[...] inicialmente, fornecer explicações no que tange diretamente ao caso considerado. [...] a vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa, é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se vêem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos.

Sendo assim, elaboramos um roteiro de entrevista estruturada, com questões que versam sobre a temática “Educação Infantil: limites e possibilidades para uma educação inclusiva no contexto de pandemia”. As questões discutidas nos levam a refletir sobre o processo de inclusão/exclusão na Educação Infantil, considerando as consequências do ensino remoto para crianças pequenas, haja vista a especificidade desse nível de Educação.

Para melhor analisarmos os dados, “a abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz de um fenômeno, não o fenômeno em si (MALHEIROS, 2011, p. 188). Nessa perspectiva, ao analisar o questionário respondido pela bolsista será possível observar os limites, possibilidades e as consequências do ensino remoto para crianças da Educação Infantil. Para preservar a identidade das crianças, da bolsista e da creche, optamos por utilizar nomes fictícios.

REFERENCIAL TEÓRICO



Notadamente, em cada época, a educação deve atender a formação de sujeitos que corresponda aos anseios de um determinado modelo de sociedade. Em virtude das transformações sociais a concepção de criança foi sendo redefinida, pode-se assim dizer. Nesse sentido, a concepção de infância e criança são fatores que norteiam a Educação Infantil, podendo promover o desenvolvimento integral dos sujeitos ou não, vai depender do docente, de sua percepção de educação crítica, democrática e participativa. Assim sendo, o docente deve conhecer as particularidades desse sujeito, dessa fase de desenvolvimento e garantir que seus direitos de aprendizagem sejam efetivados desde a mais tenra idade.

Indubitavelmente, no Brasil, após a Constituição Federal de 1988 tivemos uma mudança de paradigma no que se refere à criança e o adolescente que, segundo o Art. 227, vê a criança como um sujeito detentor de direitos.

Segundo Brandão (2007), o direito da criança à educação traz na sua operacionalização a necessidade de projetos pedagógicos consistentes e articulados. Exige que se reconheça e construa, na prática, a especificidade da Educação Infantil tratada, no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 9394/96), como primeira educação, com objetivos abrangentes que articulam aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, em complemento da ação da família e da comunidade (BRASIL, LDB-LEI 9394/96, Art. 29).

Vários movimentos contribuíram para que a criança fosse vista como centro no processo educativo, como sujeito capaz de questionar, de reconstruir as experiências (com os pares e os adultos) adaptando a sua forma de compreender e estar no mundo, sendo protagonista no meio que está inserido. Assim sendo, segundo as Diretrizes Nacionais da Educação Infantil, a criança agora é vista como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Destarte, a criança é um ser que recebe cultura, mas que através de sua linguagem, interioriza comportamentos e hábitos, e de acordo com suas expressões (física, corporal, gestual), dentre outras, interpreta e transmite sua maneira de ser, ver, estar e compreender o mundo, ou seja, produz uma cultura infantil. Em virtude disso, a prática educativa requer uma sensibilidade do docente na perspectiva de que é preciso exercer uma pedagogia do cotidiano, direcionando o planejamento para o anseio das crianças. Da mesma maneira, as brincadeiras infantis e a interação entre crianças e adultos norteiam o processo pedagógico no sentido de



promover o desenvolvimento cognitivo, o uso da imaginação, da curiosidade e da interpretação da realidade através de sua linguagem. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2018, p. 35)

Como mencionado anteriormente, considerando as fases de desenvolvimento físico e intelectual da criança, na Educação Infantil o espaço, as ações planejadas, as relações sociais, as brincadeiras e a linguagem são fatores que devem corresponder a faixa etária dos sujeitos estimulando seu desenvolvimento global, afinal, a creche possui uma intencionalidade pedagógica.

Sobre essa intencionalidade pedagógica, Brandão (2007) ressalta que os professores devem construir um corpo de conhecimentos que sobre como a criança aprende, para não impor-lhe situações pedagógicas que não atendem as suas necessidades.

Todavia, no ano de 2020, com a disseminação do novo Coronavírus (Covid-19) as práticas pedagógicas e as relações sociais sofreram restrições que afetaram o Brasil e o mundo. A nova doença é disseminada por meio de aglomerações, do contato com pessoas ou objetos contaminados, espirro dentre outras formas. Assim sendo, no Brasil, a Lei 13.979 de 06 de fevereiro de 2020 determina medidas de restrição para controlar e evitar a contaminação pelo novo Coronavírus. Logo, é implantada a quarentena no Brasil e o distanciamento social seria uma das formas mais eficazes para evitar a contaminação da doença, já que não existe medicamento ou vacina para tal, embora, no segundo semestre do ano corrente os estudos para desenvolver a vacina tenha sido esperançoso, na perspectiva de conseguir uma imunização para população a nível mundial.

Diante desse estado de calamidade pública, o distanciamento social tornou-se uma realidade e transformou os modos de vida, de organização, das relações sociais e das práticas pedagógicas. No contexto escolar, os profissionais de educação foram obrigados a trabalhar remotamente, tendo em vista o aumento de mortes e contaminação do vírus no país. Como resultado, os indivíduos tiveram que se adaptar à realidade e o ensino remoto foi adotado para dar continuidade ao ano letivo, inclusive para a Educação Infantil.



Logo, vivenciamos o “novo normal” e para refletir a garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, é preciso considerar as especificidades desse sujeito. Assim sendo, o ensino remoto é algo que precisa ser discutido para que os direitos de aprendizagem, a educação dita de qualidade e inclusiva sejam efetivadas, sem distinção. Nessa perspectiva, discutir os efeitos da pandemia na creche provoca uma reflexão em relação a permanência ou não das crianças durante as aulas remotas, a formulação de atividades tendo em vista que professores (as) precisam reinventar sua prática pedagógica, o uso de recurso tecnológico para comunicação com pais e responsáveis e realização de atividades e a relação da família e escola no sentido do papel de cada um na construção do conhecimento com as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Decerto o contexto de saúde pública a nível mundial e, principalmente, no Brasil, provocou transformações drásticas na Educação Infantil, sendo o distanciamento social o fator crucial para separar crianças e adultos, como medida mais eficaz contra a propagação e controle no número de casos do coronavírus (Covid-19).

No intuito de discutir a particularidade da Educação Infantil, que é norteada pela interação e brincadeiras, buscamos refletir os limites, possibilidades e consequências da pandemia na creche tendo em vista os direitos de aprendizagem, de uma educação dita de qualidade e inclusiva. A perspectiva é analisar o ensino remoto considerando a criança um sujeito de direito e de desenvolvimento peculiar. Destarte, através de um roteiro de entrevista estruturada, tivemos a contribuição voluntária, de uma graduanda do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, que trabalha como bolsista numa creche do Maternal II, na Paraíba.

Com o propósito de analisar como tem sido a experiência no processo de ensino remoto na Educação Infantil e como tem se mantido o contato com os alunos para efetivação das aulas a distância, questionamos a bolsista: “Como você avalia o ensino remoto na Educação Infantil?”

O ensino remoto na Educação Infantil não tem sido fácil, a não convivência na sala de aula com os alunos faz muita falta, mesmo quando recebemos um retorno das atividades dos alunos é difícil saber do real desenvolvimento dos alunos, mas acredito que mesmo com as dificuldades, que não são poucas, manter as aulas remotas tem sua importância uma vez que as crianças ainda que tão pequenas podem



na medida do possível manter o contato com os estudos iniciais e professoras.
(BOLSISTA)

A bolsista tem uma visão positiva em relação ao ensino remoto durante a pandemia quando menciona “o contato com os estudos iniciais e professoras”, porém, também destaca as dificuldades de avaliar o desenvolvimento das crianças a partir das atividades aplicadas, pelo fato de não estar presencialmente em sala de aula com os alunos.

Sabe-se que geralmente os profissionais já enfrentam uma série de dificuldades no ensino presencial, no ensino remoto essas dificuldades ficam ainda mais em evidência, uma vez que não há como dialogar, auxiliar e orientar diretamente o aluno como se objetiva para promover uma aprendizagem significativa, como preconiza a BNCC. Essas dificuldades ficam explícitas quando perguntamos à bolsista: “Neste período de pandemia, com o ensino remoto, quais os desafios na relação família e escola para promoção da aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil?”

A relação família e escola nesse momento de pandemia tem como principais desafios o manter contato, diálogo sobre o envolvimento e desenvolvimento das crianças e o feedback das atividades [...] assim, tentamos buscar estes por meio de mensagens de incentivo no grupo, no privado ou ainda no dia da entrega da apostila de atividades, entender o porquê desta ausência durante as aulas remotas.
(BOLSISTA)

Segundo a graduanda, há um afastamento entre os responsáveis, professores e escola devido o contato limitado neste período de pandemia as mensagens de whatsapp. Tal afastamento é percebido devido o pouco feedback dos pais sobre as atividades e aulas ou sobre a falta de explicação na ausência de tal retorno. Nota-se também que há uma tentativa de buscar promover a participação e retorno dos responsáveis pelas crianças.

Logo, faz-se necessário compreender que tanto escola quanto família, apesar de exercerem papéis diferentes na construção de conhecimento e formação da criança, precisam desenvolver uma boa relação para então:

[...] potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade. (BRASIL, 2018, p. 34-35)



Nessa perspectiva, o ensino remoto causou distanciamento, para além da quarentena, no que se refere a efetivação dos direitos de aprendizagem, como prescreve a BNCC na Educação Infantil. É notório que tal entrave provoca exclusão, esta ocorre devido a vários fatores (explícitos e implícitos) por parte dos responsáveis.

Se para a família o distanciamento social precisa ser resignificado, no que tange a realização de atividades que antes eram feitas pelo docente, agora é o responsável que assume o papel de acompanhar de perto a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para o docente os desafios são ainda maiores quando indagamos a bolsista sobre: “Em relação a sua prática docente, qual o maior desafio?”

O maior desafio em relação a prática docente na minha opinião tem sido a elaboração de atividades, à medida que fomos elaborando novas apostilas tivemos que ir também simplificando as atividades, buscando formas de deixar o mais práticas e atrativas possível dentro dos conteúdos temáticos pedidos e das habilidades da BNCC[...] (BOLSISTA)

Segundo a bolsista, a maior dificuldade em relação a prática docente, está na elaboração das atividades. O fato é que as atividades precisam ser cada vez mais simplificadas como estratégia para manter um vínculo com o aluno e a família, e principalmente, para conseguir com que as crianças façam as tarefas. A medida que se elabora uma nova apostila de atividades o docente precisa promover o desenvolvimento respeitando e abrangendo os cinco campos de experiências dispostos na BNCC uma vez que estes “[...]constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018, p. 40). Se somarmos isso ao fato de que muitos docentes ainda precisam pensar em tarefas (de fácil compreensão) quando gravam suas aulas ou fazem as chamadas de vídeo, estes são os novos desafios a serem superados durante essa fase de ensino remoto.

Isso nos leva a refletir não somente sobre todos esses desafios enfrentados pelos docentes como também sobre os prováveis desafios enfrentados pelas famílias dos alunos diante de um cenário de pandemia, bem como, se é possível alcançar o atendimento de todas as crianças nas aulas remotas. Nesse sentido, ponderar o ensino remoto no que tange garantir a permanência e o acesso dos sujeitos a uma educação de qualidade e inclusiva, mesmo no período de pandemia é algo que precisa ser discutido. O que nos leva a questionar: “Sua prática pedagógica, remotamente, tem atendido a todas as crianças?”



No início das aulas remotas por volta do mês de junho deste ano, passamos a trabalhar com as apostilas [...] assim, formamos um grupo de whatsapp para podermos manter contato com as mães, pais ou responsáveis pelos alunos para acompanhar as aulas remotas [...] O feedback das atividades realizadas é bem escasso [...] desse modo, não acredito que minha prática pedagógica venha atendendo a todas as crianças, uma vez que não são de todas as crianças que recebemos o feedback, sabemos que boa parte disso se deve ao fato de que muitos dos responsáveis trabalham [...] bem como ao fato de que alguns fazem uso de internet por dados móveis ou não tem conhecimento de lidar com o uso do celular [...] ou ainda, segundo o relato de algumas mães, as crianças não querem parar um momento para fazer as atividades, acredito que isso ocorra devido a diferença da rotina escolar para a rotina em casa [...] ainda que estas muitas vezes tenham questões que envolvam música, dança [...] estes entre outros fatores dificultam bastante o alcance a todas as crianças. (BOLSISTA)

Nessa ótica, observamos que apesar das medidas para introdução das aulas remotas no período de isolamento social a bolsista destaca novamente o escasso feedback das atividades remotas evidenciando que a prática pedagógica adotada não é suficiente para atender a todas as crianças, atribuindo isto a alguns contratempos enfrentados pelos responsáveis como ter que trabalhar e acompanhar as aulas remotas das crianças, ou ainda, a questão do acesso a internet ou do uso das tecnologias, adversidades estas comuns aos tempos atuais, e ainda há a questão da relutância das crianças em fazer as tarefas, isto segundo o relato de algumas mães, o que a bolsista atribui ao dilema da falta de uma rotina escolar iniciada e interrompida abruptamente pela pandemia do Covid-19, que não permitiu às crianças se adaptarem por completo, tornando-se extremamente desafiador garantir a qualidade do processo de ensino-aprendizagem tanto para os (as) professores (as) como para os familiares. Outro desafio é como fazer valer este atendimento para todas as crianças diante deste cenário, já que como aponta a BNCC: “[...] A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.” (BRASIL, 2018, p. 36).

Desse modo, reconhecendo a importância da Educação Infantil como primeira etapa indispensável para o desenvolvimento das habilidades sociais e expressivas para os primeiros anos de vida e constatando a necessidade de um trabalho assegurando que as atividades e conteúdos cheguem até as crianças, questionamos também: “A interação e a brincadeira são aspectos fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Sendo assim, quais atividades são desenvolvidas na perspectiva de promover uma educação que atenda as especificidades da criança nesse contexto de pandemia?”



Na elaboração das atividades, eu e as outras professoras buscamos desenvolver atividades que envolvam brincadeiras que não necessitem de muita coisa [...] nem todos os alunos possuem um situação financeira familiar que possibilite fazer gastos extras, pensamos também que atividades assim exigem um tempo menor de realização para aquelas crianças que têm pais que trabalham em casa mesmo ou fora [...] voltadas ao desenvolvimento da coordenação motora fina e também não exigem tanto tempo, além de poder ser utilizada outras vezes. (BOLSISTA)

Isto posto, a bolsista evidencia que as atividades são elaboradas numa perspectiva de tornar as tarefas mais atrativas para as crianças com o objetivo de facilitar a realização das atividades propostas e o acompanhamento às aulas remotas, usando atividades lúdicas considerando condições favoráveis e objetos comuns de serem encontrados em casa, a partir do uso das brincadeiras. Sabendo que os (as) professores (as) precisam criar, mesmo no cenário de pandemia, situações em que essas crianças possam conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer levando em consideração que é imprescindível para as crianças a existência da interação lúdica e criativa como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, bem como orienta a BNCC:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2018, p. 37)

Destarte, ainda do ponto de vista do reconhecimento de que as crianças em seus primeiros anos de vida estão em pleno desenvolvimento físico, cognitivo e emocional e do papel essencial da educação nesse encadeamento, indagamos a bolsista: “Na turma que você trabalha possui alguma criança com deficiência (física, intelectual)? Se sim, quais os desafios para desenvolver uma educação inclusiva durante o ensino remoto?”

Na turma em que trabalho, temos quatro alunos que segundo o que notamos [...] têm algum grau de autismo ou algo do tipo, mas isso [...] não é algo confirmado pelos familiares. Para esses alunos foi elaborada uma apostila a mais com atividades direcionadas exclusivamente para eles [...] infelizmente, um desses alunos não dá feedback das atividades, já em relação aos outros três, dois dão feedback semana sim e semana não, apenas um deles é bem presente em todas as semanas [...].(BOLSISTA)



A educação inclusiva é aquela que proporciona um ensino de qualidade a todos os alunos (as). Assim sendo, é evidente a suspeita de autismo em relação a quatro alunos, isso porque não há uma confirmação da família sobre esta condição de transtorno global de desenvolvimento. A estratégia para que esses alunos possam acompanhar as aulas tem sido a elaboração de uma apostila específica para os mesmos, entendida como uma forma de ampliação de assistência a estas crianças. Mais uma vez é explícito a dificuldade de um parecer das atividades propostas, tendo somente um, desses quatro alunos específicos com bom retorno das tarefas.

À vista de tudo que foi questionado, indagamos ainda “Quais as possibilidades e limites, para crianças e docentes, no ensino remoto, para a Educação Infantil, no período de pandemia?”

Como possibilidades para as crianças destaco a probabilidade de desenvolvimento através do exercício das atividades remotas [...] Em relação aos docentes, enxergamos a possibilidade de superação, de reinvenção do modo de ensino e de aprendizagem, ainda que forçada devido às circunstâncias da pandemia [...].
(BOLSISTA)

Observando a citação acima, é evidente que o convívio restrito ao círculo familiar, no período de pandemia, ocasiona limites no planejamento de atividades no sentido de suprir os objetivos educacionais do ensino remoto. Notamos que a interação entre os pares e adultos, o contato físico e a rotina no contexto escolar é de extrema importância para esta fase da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto de pandemia e distanciamento social na Educação Infantil gerou desafios ainda maiores no que tange a garantia dos direitos de aprendizagem e na efetivação de uma educação inclusiva. Considerando a criança como sujeito concreto e de direitos, durante o ensino remoto professores (as), família e alunos foram obrigados a adaptar-se ao “novo normal”, que por vezes, tem minimizado direitos, estes assegurados na forma da lei para que haja uma educação de qualidade e equânime.

Destarte, a entrevista com uma bolsista numa creche, no Maternal II, possibilitou compreender que o ensino remoto dificulta e, por vezes, inviabiliza o acompanhamento e desenvolvimento nas atividades tendo em vista o distanciamento entre crianças e docente.



Entraves como manter o contato com a família, planejar atividades cada vez mais simples, no intuito das crianças realizarem, pois mesmo com atividades interativas e brincadeiras, eixos que norteiam a Educação Infantil como preconiza a BNCC, às crianças não se sentem atraídas a realizar tais ações, pelo menos foi isso que notamos no relato da bolsista. Fatores como a limitação do acesso a recursos tecnológicos e habilidade em utilizá-lo como instrumento pedagógico (tanto para professores como para pais e responsáveis), garantir às crianças que apresentam algum grau de transtorno (embora não tenha a confirmação da família) que sejam estimulados a realizarem as atividades pois, às educadoras tiveram sensibilidade e compromisso em desenvolver ações extras para que tais sujeitos sejam incluso no processo de ensino e aprendizagem nesse período de pandemia, estes são elementos (dentre outros) que provoca uma reflexão acerca do ensino remoto.

Por fim, acreditamos que o ensino remoto na Educação Infantil pouco contribui para a efetivação de uma educação de qualidade e inclusiva, tendo em vista o contexto de vulnerabilidade social que foi ampliado as famílias brasileiras, além da ausência do papel que deve ser desenvolvido entre escola e família para promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**-Lei nº 9.394/96. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília-DF: MEC/SEF, 1996.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **A CENTRALIDADE DA MATERNAGEM NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: o discurso de docentes e famílias usuárias de creche**. 130 f. Dissertação de Mestrado – Campina Grande, PB.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Metodologia da pesquisa em educação. In:_____. **Coletando dados qualitativos**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.